

# CERÂMICAS MEDIEVAIS DE BRAGA

por

**Maria Alexandra de Medeiros Lino Gaspar**

**Resumo:** As cerâmicas medievais de Braga provenientes das escavações arqueológicas realizadas pelos responsáveis do Projecto de Salvamento de Bracara Augusta têm vindo a ser estudadas sistematicamente, tendo sido possível, até ao momento, diferenciar: um conjunto de cerâmicas alto medievais — sécs. V-VII — e outro de cerâmicas medievais dos sécs. XIII-XIV; vários fabricos e formas para ambos os conjuntos.

O objectivo será apresentar o balanço actual dos nossos conhecimentos nesta área.

**Palavras-chave:** Cerâmicas. Braga. Idade Média.

## INTRODUÇÃO

O estudo das cerâmicas medievais de Braga tem vindo a ser realizado ao longo dos anos. Parte desse material foi já publicado (GASPAR, 1985).

As escavações realizadas, entretanto, em Braga, sob a direcção das responsáveis do Projecto de Salvamento de Bracara Augusta, têm fornecido novos dados para este estudo.

Até ao momento foi-nos possível isolar dois conjuntos de cerâmica bem caracterizados, não só do ponto de vista das pastas e das formas mas também da cronologia. O primeiro que localizamos nos séculos V/VI-VII(?) e o segundo nos séculos XIII-XIV. São esses dois conjuntos que iremos apresentar.

## 1. CERÂMICAS CINZENTAS DOS SÉCULOS V/VI-VII

### a) Pastas

Definimos sete pastas diferentes para estas cerâmicas:

Grupo 1 – Pasta de cor cinzenta homogénea e cozedura pouco regular, com mica, quartzo e matéria orgânica carbonizada; a superfície externa sofreu um alisamento mais ou menos intenso e pouco regular.

Grupo 2 – Pasta cinzenta ligeiramente acastanhada e cozedura também pouco homogénea, com mica, quartzo e cerâmica moída; a superfície externa, também alisada, apresenta por vezes um ligeiro brilho proveniente de um alisamento intenso.

Grupo 3 – Pasta cinzenta escura homogénea com desengordurante essencialmente constituído por grãos médios de quartzos angulosos e feldspatos sobresaindo na pasta e por vezes na própria superfície; a mica é aparentemente menos abundante. A pasta é muito cozida. A superfície, da cor da pasta, é alisada embora bastante irregular em consequência dos grãos do desengordurante.

Grupo 4 – Pasta de argila micácea de cor irregular (aparentemente em consequência da cozedura) variando entre o cinzento e o castanho acinzentado. Cozedura irregular sendo a pasta geralmente pouco dura, mesmo esponjosa. Desengordurante abundante constituído essencialmente por grãos médios e grandes mal calibrados de quartzos; grãos maiores e pouco abundantes de feldspato; alguns pontos ferruginosos. Parede muito alisada com uma escova (?) o que lhe conferiu uma certa regularidade mas ao mesmo tempo a deixa áspera. A parede interna das formas fechadas apresenta largas e fundas bandas resultantes do alisamento feito ao torno.

Grupo 5 – Pasta castanha, muito dura com grande quantidade de quartzos angulosos de pequena, média e grandes dimensões, mal distribuídos, alguns feldspatos dispersos e muita mica; pontos ferruginosos raros. As paredes são cinzentas, mal alisadas, deixando aparente o desengordurante.

Grupo 6 – Pasta castanha, muito dura, com grande quantidade de mica em partículas muito pequenas possivelmente fazendo parte da própria argila; grande quantidade de matéria orgânica carbonizada por vezes com uma forma alongada; grandes quartzos dispersos em grupos de dois ou três; alguns feldspatos alongados também dispersos; alguns pontos ferruginosos e de cerâmica moída mais raros. As superfícies são de cor negra alisadas mas muito irregulares.

Grupo 7 – Pasta castanha, arenosa com alguma mica, quartzos de tamanho pequeno e médio, cerâmica moída e matéria orgânica carbonizada de tamanho médio. A pasta é pouco cozida. As paredes negras foram bem alisadas e por vezes polidas.

Poderíamos assim dizer que estas pastas são todas de cor cinzenta ou castanha, na generalidade grosseiras, tendo como desengordurantes principais o quartzo, o feldspato, os elementos ferruginosos ou a cerâmica moída e a matéria orgânica carbonizada. Foram executadas ao torno ou pela técnica do rolo e são sempre bem cozidas (à exceção da pasta 7) em atmosfera redutora o que lhes dá uma cor característica.

As paredes internas apresentam como característica sulcos bem marcados. O tratamento das paredes externas varia segundo as pastas: as paredes externas das



pastas 1, 2 e 7 são quase sempre bem alisadas ou polidas; as marcas do objecto utilizado no polimento — sempre vertical — são normalmente visíveis, não formando uma decoração. As paredes da pasta 3 e 5 são sempre rugosas sendo perceptíveis na superfície os abundantes quartzos que integram a pasta. As da pasta 4 são escovadas. As da pasta 6, sempre de cor negra foram alisadas com um objecto duro mas de forma irregular.

As pastas mais abundantes são a 1 e a 2 com 35 e 25% respectivamente seguindo-se a 3 e a 4 com 17,5 e 15%. Finalmente a pasta 6 com 7,6% e a 5 com apenas 0,6% (Quadro 1).

As pastas não definem formas.

## b) Formas

Dividimos as formas em dois grupos: um que integra formas de imitação ou de inspiração nas formas de fabrico das derivadas das paleocristãs publicadas por J. Rigoir e um segundo grupo que integra formas comuns.

Nas formas de imitação ou de inspiração de formas gálicas destaca-se um conjunto de formas 1 (Est. I, 1-8) de bordos e de dimensões variadas num total de 11 exemplares que se distribuem pelas pastas 1, 2, 4 e 7 sendo as duas primeiras as mais representadas (Quadro 2); a forma 3b (Est. II, 1 e 2) com dois exemplares em pastas 1 e 2; A forma 4 (Est. II, 3 e 4) também com dois exemplares em pastas 1 e 4; a forma 6a) (Est. II, 5) e a 6b) (Est. II, 6) apenas com um exemplar cada, respectivamente em pasta 1 e 7; A forma 13 (Est. II, 7) deveria ser considerada como uma forma de inspiração e compreende dois fragmentos em pasta 7; a forma 22 tem apenas um exemplar em pasta 2 e finalmente a forma 29 tem dois fragmentos em pasta 1 e 4.

É de salientar a utilização de diferentes pastas nestas formas o que leva a pôr a hipótese que tenham sido executadas no mesmo ou mesmos locais que as cerâmicas de formas comuns.

As formas comuns são pouco variadas e incluem formas fechadas — potes, bilhas e vasos de armazenagem — e formas abertas — tigelas, pratos, travessas, alguidares e tachos de asa interior (Quadro 3). Uma vez que não foram encontrados perfis completos de todas estas formas, vimo-nos forçados a apresentar apenas fragmentos.

Os potes são a forma mais abundante. Foram identificados potes pequenos e médios, sendo estes últimos os mais frequentes; os seus diâmetros variam entre os 7 e os 18 cm. Os bordos são muito variados: os exemplares mais simples apresentam um perfil contracurvado (Est. III, 1 e 2); o bordo pode ser alto e o

lábio levemente biselado para o exterior (Est. III, 3 e 4); o lábio pode ser em pequena aba podendo o pote ter ou não colo (Est. III, 5 e 6); o bordo pode ser curto e esvasado (Est. III, 7 e 8; Est. IV, 1) ou envasado (Est. IV, 2-5) ou soerguido (Est. IV, 6 e 7). As pastas utilizadas são a 1, 2, 3, 4, sendo a 1 e a 4 as predominantes.

As bilhas representam 21,4% das formas que individualizámos. Têm geralmente o bordo moldurado (Est. IV, 8; Est. V, 1) e uma asa larga de secção oval que arranca do bordo. Também encontrámos alguns pequenos fragmentos de bordos trilobados. Os diâmetros variam entre os 6 e os 12cm. As pastas mais utilizadas são a 1, a 2 e a 6 aparecendo alguns exemplares em pasta 3.

As tigelas são pouco abundantes. Apenas identificámos, com segurança, dois exemplares que ilustramos (Est. V, 2 e 3). A primeira com 18 cm de diâmetro apresenta a parede curva e o lábio, no prolongamento da parede, ligeiramente espessado interna e externamente; a segunda, bastante maior, com 29,6 cm de diâmetro tem as paredes com menor curvatura e um bordo claramente espessado do lado externo. Ambas são em pasta 4.

Os pratos estão representados apenas por três exemplares. A parede externa é quase recta e a interna de um dos fragmentos apresenta um espessamento junto ao fundo. Os bordos são biselado para o interior (Est. V, 4) ou em cabeça de prego (Est. V, 5). Os diâmetros variam entre os 16 e os 21 cm. As pastas utilizadas foram a 1 e a 4.

A travessa que apresentamos, de grandes dimensões (43 cm) tem uma parede muito baixa e um bordo muito espessado (Est. V, 6). Foi o único exemplar que encontrámos. A pasta utilizada foi a 2.

Apresentamos apenas um alguidar com um diâmetro de 40 cm (Est. V, 7). A parede externa é muito ligeiramente curvilínea e a interna apresenta sulcos característicos deste tipo de cerâmica. O lábio foi espessado internamente e é ligeiramente côncavo na sua parte superior. A pasta é a 2.

Finalmente, os tachos de asa interior, embora não muito abundantes (6,9%) são peças muito características (Est. VI, 1 e 2). As paredes são sempre rectas e espessas. Na parede interna e junto ao bordo foi aplicada, na horizontal, uma asa de secção oval; esta asa pode ser marcada na base com uma dedada. As paredes estão muitas vezes enegrecidas pelo fogo denunciando a sua funcionalidade. As pastas variam entre a 1, a 2 e a 6.



Os fundos são variados: podem ser planos (Est. VII, 1) ou ligeiramente realçados podendo formar um pequeno ressalto como se fosse um falso pé (Est. VII, 2). A ligação da base à parede pode ser arredondada e muito irregular (Est. VII, 3) ou ser mais regular delineando-se antes do arranque da parede (Est. VII, 4). Dois dos exemplares ilustrados (Est. VII, 3 e 4) apresentam na parede interna sulcos característicos. Foram os dois feitos pela técnica do rolo. Um deverá corresponder a uma forma de grandes dimensões, talvez um vaso de armazenagem (Est. VII, 3). Como é normal, os fundos que encontrámos integram-se em todas as pastas apresentadas.

As asas são na sua maioria de secção oval, rectangular (Est. VII, 6), em rolo e por vezes em forma de til (Est. VII, 7). São geralmente muito largas, pouco espessas e pouco curvilíneas. Encontrámos exemplares em todas as pastas.

As decorações são pouco abundantes (4%), muito simples e mal elaboradas. São na sua maioria incisivas predominando as caneluras e as linhas ondedas que aparecem por vezes combinadas. Podem também formar pequenos semi-círculos abertos na parte superior ou linhas dispostas em espinha. Alguns exemplares apresentam decoração impressa formando triângulos irregulares. Também aparecem fragmentos de parede com bandas repuxadas por vezes decoradas com incisões verticais. As pastas mais decoradas são a 1, seguindo-se-lhe a 2 e a 3.

### c) Cronologia

Estas cerâmicas foram encontradas em Bracara Augusta em camadas de construção e ocupação e em estratos de abandono e distribuem-se por toda a área da cidade romana fornecendo-nos um dado importante sobre a continuidade da sua ocupação nesta época; talvez se tenha verificado uma deslocação do centro mas a cidade parece manter o mesmo perímetro.

Para propormos uma cronologia para esta cerâmica tivemos em conta diferentes factores:

1º – as estratigrafias encontradas nas escavações da Rua da N. Sra. do Leite e do Paço que nos davam uma cronologia relativa sugerindo uma ocupação posterior ao século IV;

2º – a inexistência destas cerâmicas em estratos alto-imperiais e do século IV em Braga;

3º – o facto de estas cerâmicas comuns imitarem formas das derivadas das paleocristãs estudadas por J. Rigoir cuja cronologia se estende dos finais do século IV ao século VII;

4° – o facto de aparecerem em estratos juntamente com a forma 3 da cerâmica foceana cuja cronologia se estende de meados do século V a meados do VI;

5° – o poderem ainda estar associadas a fragmentos da forma 91B em T.S. clara D (370/385-530 d.C.) e a imitações da forma 61A comum entre 325-400/420 d.C.;

6° – pudemos também constatar que este tipo de cerâmica ainda não se tinha expandido em inícios do século V, uma vez que não aparece na camada de destruição e abandono da vila romana de Póvoa de Lanhoso escavada pela Doutora Manuela Martins;

7° – a morfologia destas cerâmicas, como já referimos, apresenta uma continuidade em relação a formas de cerâmica comum romana de Bracara Augusta diferindo apenas nos fabricos e na cor que lhe dá um aspecto característico.

Poderíamos assim propor, e com base nos nossos conhecimentos actuais, uma cronologia que teria como limites cronológicos o século V/VI e o século VII embora este último possa ser alargado quando dispusermos de novos dados.

Os dados fornecidos pelas escavações de Bracara Augusta até ao momento, não permitem estabelecer grupos à semelhança do que foi proposto em Espanha por Uscatescu et al. (1993) e Caballero Zoreda (1989). Como dissémos estas pastas que distinguimos aparecem associadas não definindo portanto momentos cronológicos diferentes. Talvez o estudo das cerâmicas das escavações de Dume realizadas pelo Dr. Luís Fontes venham permitir uma melhor afinação da cronologia desta cerâmicas.

#### **d) Distribuição**

Ainda não foi levado a cabo o estudo da distribuição destas cerâmicas, sendo, os dados que possuímos fruto de constatações pontuais.

Sabemos que estas cerâmicas aparecem nas zonas próximas da cidade de Braga como por exemplo em Dume, na Falperra e no Castro das Caldas. Encontrámos ainda alguns exemplares provenientes das escavações realizadas no Convento da Costa (Guimarães) pelo Dr. Manuel Real, e embora estas cerâmicas não apareçam em grande quantidade, foram identificados tachos de asa interior com a mesma morfologia e a mesma pasta dos encontrados em Braga.

## **2. CERÂMICAS MEDIEVAIS**

O segundo conjunto de cerâmicas — séculos XIII-XIV — que nos propusemos integrar neste trabalho apresenta menos novidades. De facto, em 1985, publicámos um conjunto de perfis completos destas cerâmicas medievais, e no



estudo que realizámos ao longo destes anos pudemos constatar que as cerâmicas que encontramos se integram tanto nas pastas como nas formas então referidas. Tínhamos então apresentado um conjunto de formas interessante — pelos perfis completos e por serem provenientes de estratos datados — constituído por potes, púcaros, jarros, baldes, bacias, alguidares e tigela.

Apresentamos agora alguns exemplares que consideramos mais como variantes do que como formas novas:

- um bordo e colo em fabrico 1 de forma indeterminada mas diferente das já publicadas (Est. VIII, 1);
- Fundo (Est. VIII, 3) e bordo e colo (Est. VIII, 2 e 5) de jarros - fabrico 1 e 2;
- uma tampa (Est. VIII, 4) em fabrico 2 diferente na forma, da que publicámos. Apresenta um botão de preensão e a parede superior foi decorada com fundos sulcos formando linhas concêntricas duas das quais decoradas com incisões fundas, mas de pequenas dimensões.

No entanto, queríamos salientar como dados novos questões de cronologia, local de produção e distribuição que passamos a enumerar:

- A presença destas cerâmicas em estratos do século XIII na Casa do Infante (Porto) veio permitir confirmar a sua cronologia;
- O documento - Inquirição de Afonso IV aos direitos do Bispo e Cabido da Sé, de 1339, que refere os “pichees” de Braga (BARROCA, 1993) vem comprovar o local de produção destes jarros na região de Braga e também a sua distribuição para a cidade do Porto;
- Finalmente, o facto de se constatar o não aparecimento de formas diferentes das publicadas anteriormente poder-nos-ia levar a concluir, pela negativa, isto é, que esse conjunto continua a ser representativo das cerâmicas desta época, em Braga.

## CONCLUSÃO

Para concluir podíamos referir questões que continuam por resolver: por um lado, o hiato cronológico que separa estes dois conjuntos de cerâmicas e por outro o estudo das áreas de distribuição destas cerâmicas.

No que se refere à primeira questão pensamos que será necessário levar a cabo o estudo sistemático das cerâmicas encontradas nas escavações do Dr. Luís Fontes, nomeadamente em Tibães e em Dume, e por comparação de pastas isolar as cerâmicas dessas épocas em Braga; no que diz respeito ao segundo ponto será necessário levar a cabo um estudo destas cerâmicas medievais em zonas cada vez mais equidistantes de Braga, tendo em vista a definição de linhas de distribuição,

como já se verificou, por exemplo, com o Porto.

Finalmente, e mais uma vez através de estudos comparativos entre os materiais estratigrafados de Tibães e os materiais dispersos de Braga, pensamos ser possível vir a iniciar-se o estudo das cerâmicas modernas desta região.

## BIBLIOGRAFIA

- BARROCA, Mário Jorge. (1993): Centros Oleiros de Entre-Douro-e-Minho, *Arqueologia Medieval*, 2, Porto, pp. 159-171.
- CABALLERO ZOREDA, L. (1989): Cerâmicas de 'época visigoda y post-visigoda' en las provincias de Cáceres, Madrid y Segovia, *Boletín de Arqueologia Medieval*, 3, Madrid, pp. 75-107.
- GASPAR, A. (1985): Escavações arqueológicas na Rua N<sup>a</sup> Sra. do Leite, em Braga, *Cadernos de Arqueologia*, série II, 2, pp. 51-125.
- USCATESCU, Alexandra, Carmen Fernandez Ochoa e Paloma Garcia Diaz. (1993): Las imitaciones locales o regionales de sigillatas grises galicas tardias halladas en las termas romanas de Gijon (Asturias), *Actas do 1<sup>o</sup> Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. I, Porto, pp. 381-397.

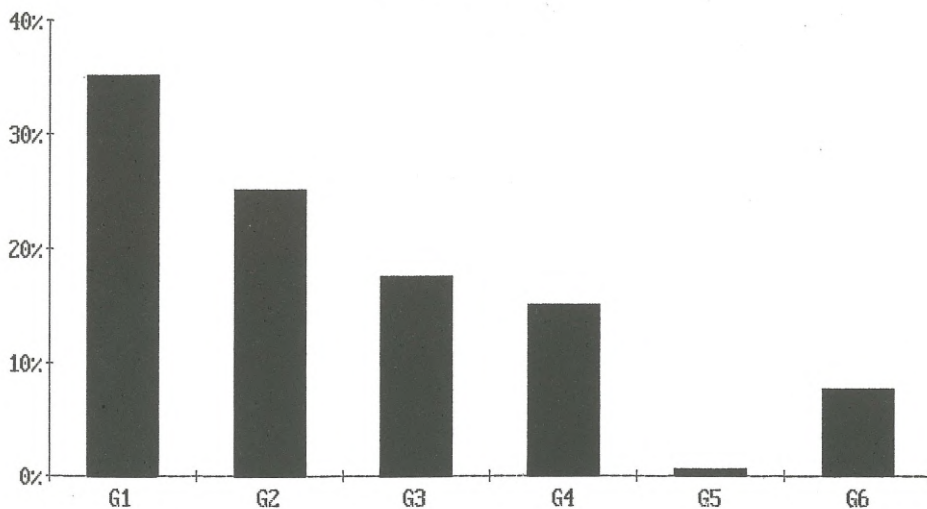


	F1	F3b	F4	F6a	F6b	F13	F22	F29
G1	3	1	1	1				1
G2	5	1					1	
G4	1		1					1
G7	2				1	2		

Quadro de distribuição das formas de imitação ou de inspiração das Derivadas das Sigillatas Paleocristãs

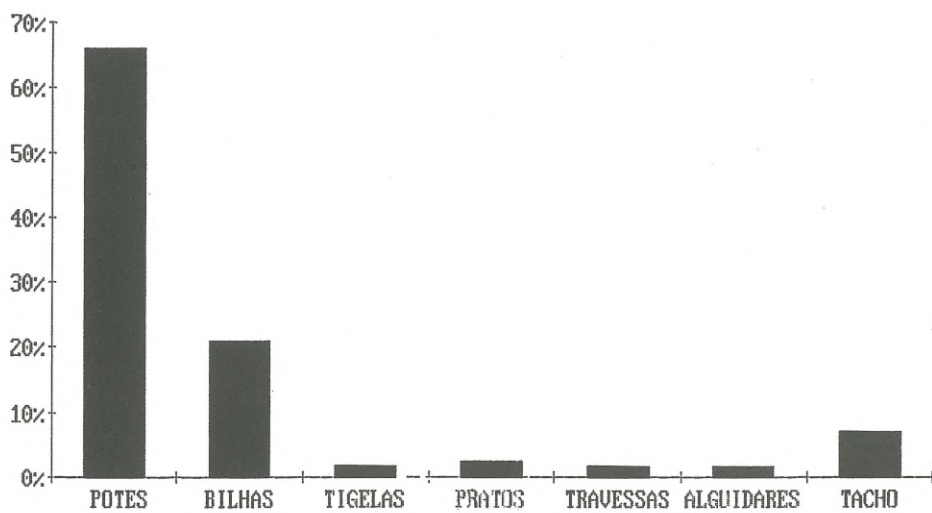
Quadro 1 — Distribuição das pastas das cerâmicas alto-medievais.

CERÂMICAS ALTO - MEDIEVAIS  
DISTRIBUIÇÃO DE PASTAS



Quadro 2 — Distribuição das formas de imitação ou de inspiração das Derivadas das Sigillatas Paleocristãs.

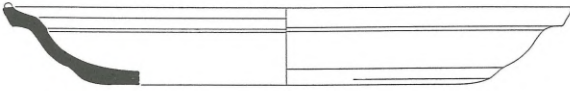
CERÂMICAS ALTO - MEDIEVAIS  
DISTRIBUIÇÃO DE FORMAS



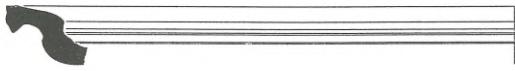
Quadro 3 — Distribuição das formas das cerâmicas alto-medievais.



1



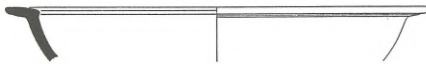
2



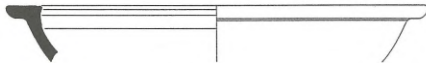
3



4



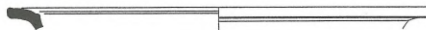
5



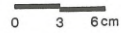
6



7



8





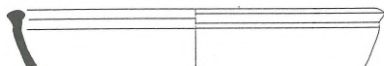
Est. IV



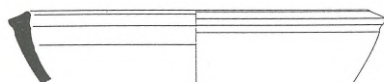
1



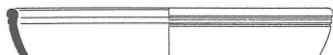
2



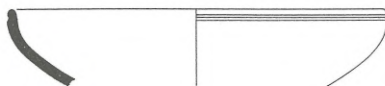
3



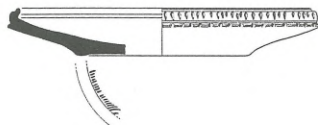
4



5



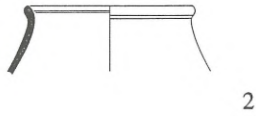
6



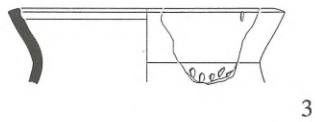
7



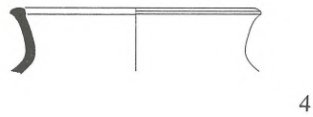
1



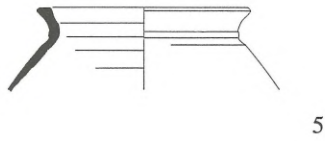
2



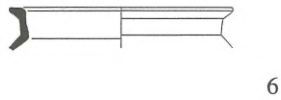
3



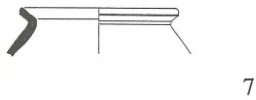
4



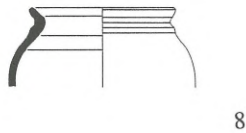
5



6



7

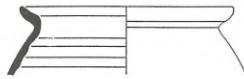


8

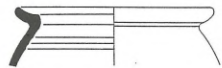
Est. VI



1



2



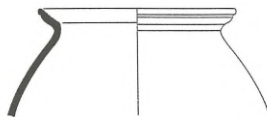
3



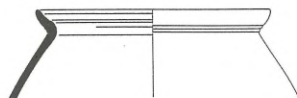
4



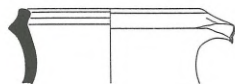
5



6

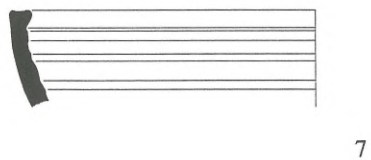
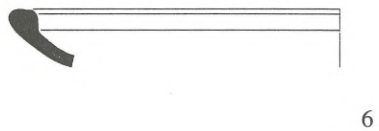
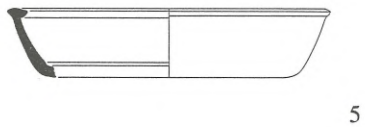
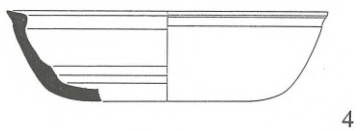
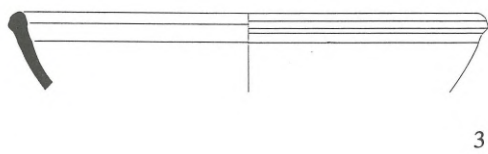
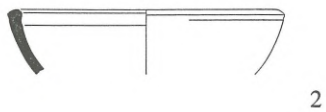
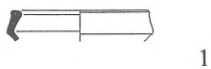


7

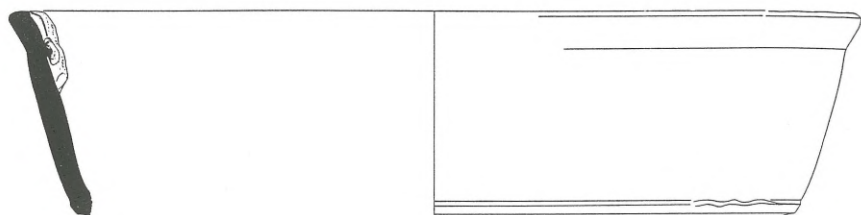


8

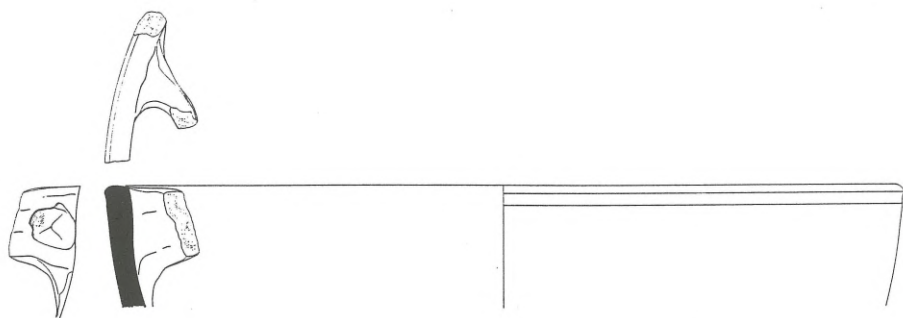




Est. VIII



1



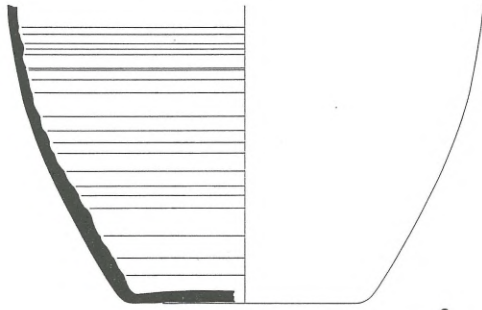
2



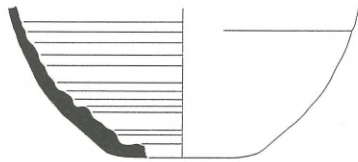
1



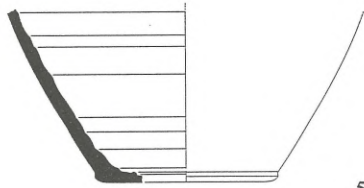
2



3



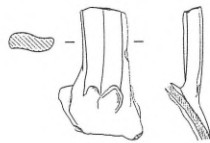
4



5



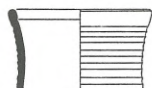
6



7



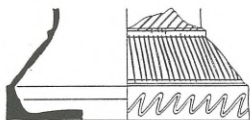
Est. X



1



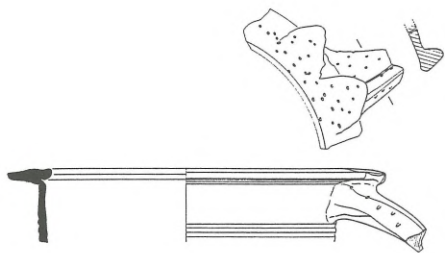
2



3



4



5